

# Ser remanescente de quilombo em comunidades do Vale do Mucuri: reflexões preliminares de pesquisa

Eva Aparecida da Silva\*

## Introdução

O “Projeto Quilombos Gerais”, desenvolvido pelo Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (CEDEFES),<sup>1</sup> no período de dezembro de 2003 a junho de 2007, pré-identificou quatrocentos e trinta e cinco (435) comunidades remanescentes de quilombo no Estado de Minas Gerais, em 170 municípios (20% do total do Estado). Essas comunidades estão distribuídas nas regiões de Campos das Vertentes, Central Mineira, Jequitinhonha, Metropolitana/Belo Horizonte, Noroeste, Norte de Minas, Oeste de Minas, Sul, Triângulo/Alto Paranaíba, Vale do Mucuri, Vale do Rio Doce e Zona da Mata, conforme **Quadro 1**.

**Quadro 1:** Comunidades remanescentes de quilombo de Minas Gerais

Região	Número	%
Campos das Vertentes	5	1,1
Central Mineira	8	1,8
Jequitinhonha	105	24,1
Metropolitana/Belo Horizonte	54	12,6
Noroeste	15	3,4
Norte de Minas	153	35,1
Oeste de Minas	8	1,8
Sul	8	1,8
Triângulo/Alto Paranaíba	10	2,3
Vale do Mucuri	19	4,4
Vale do Rio Doce	29	6,7
Zona da Mata	21	4,8
<b>Total</b>	<b>435</b>	<b>100,0</b>

Fonte: CEDEFES, 2008.

\* Professora Adjunta do Departamento Interdisciplinar de Ciências Básicas, da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Exatas, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM. Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB/UFVJM).

<sup>1</sup> CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ELOY FERREIRA DA SILVA – CEDEFES. *Comunidades quilombolas de Minas Gerais no século XXI: história e resistência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Das 435 comunidades: a) 98% estão localizadas em áreas rurais, havendo alguns casos de quilombos urbanos (2%) nas regiões Metropolitana de Belo Horizonte, Jequitinhonha, Noroeste e Vale do Mucuri; b) 79% não entraram com processo para titulação, 20% estão em processo e apenas 1% é titulada (Porto Corís, no município de Leme do Prado, na região do Jequitinhonha); c) 27% são cadastradas pela Fundação Cultural Palmares e 73% não possuem cadastro. Apesar de suas particulares, muitas delas apresentam condições semelhantes no que diz respeito ao acesso a saneamento, saúde, comunicação, geração de renda, educação, situações de conflito relacionados à terra, etc.<sup>2</sup>

Entre as comunidades remanescentes de quilombo existentes no Estado de Minas Gerais, estão aquelas pertencentes à mesorregião do Vale do Mucuri.<sup>3</sup> Essas comunidades somam dezenove (19) e estão localizadas nos municípios de Ataléia, Carlos Chagas, Fronteira dos Vales, Nanuque, Ouro Verde de Minas e Teófilo Otoni. Algumas delas já entraram com o pedido para a titulação de suas terras junto ao INCRA, e outras não; algumas são cadastradas pela Fundação Palmares, de forma a possuírem declaração de reconhecimento como remanescente de quilombo, a qual torna possível pleitear políticas públicas específicas, conforme **Quadro 2**.

**Quadro 2:** Comunidades remanescentes de quilombo do Vale do Mucuri

Comunidade	Município	Ano pedido titulação INCRA	Ano Cadastro Fundação Palmares
Água Preta	Ouro Verde de Minas	***	2005
Água Preta de Cima	Ouro Verde de Minas	2006	2006
Cama Alta	Teófilo Otoni	***	****
Carneiro	Ouro Verde de Minas	***	****
Córrego Santa Cruz	Ouro Verde de Minas	2004	2005
Fazenda Pedra Azul	Teófilo Otoni	***	****
Ferreirão	Ataléia	***	****
Futrica	Nanuque	***	****
Gumercindo dos Pretos	Nanuque	***	****
Imburama	Teófilo Otoni	***	****
Marques I	Carlos Chagas	2006	2005
Marques II	Carlos Chagas	***	2005

<sup>2</sup> CEDEFES, 2008.

<sup>3</sup> Essa mesorregião é composta por vinte e três (23) municípios agrupados em duas (2) microrregiões: Teófilo Otoni e Nanuque. A microrregião de Teófilo Otoni compreende treze (13) municípios: Ataléia, Catuji, Franciscópolis, Frei Gaspar, Itaipé, Ladainha, Malacacheta, Novo Oriente de Minas, Ouro Verde de Minas, Pavão, Poté, Setubinha, Teófilo Otoni; e a microrregião de Nanuque dez (10) municípios: Águas Formosas, Bertópolis, Carlos Chagas, Crisólita, Fronteira dos Vales, Machacalis, Nanuque, Santa Helena de Minas, Serra dos Aimorés, Umburatiba.

Nunes	Fronteira dos Vales	***	***
Palmeiras ou Margem da Linha	Teófilo Otoni	***	***
Paulos	Ataléia	***	***
Prejuízo	Fronteira dos Vales	***	***
São Julião ou Lavra dos Pretos	Teófilo Otoni	***	***
Salineiro	Ataléia	***	***
Ventania	Fronteira dos Vales	***	***

Fonte: CEDEFES, 2008.

No Projeto “Comunidades remanescentes de quilombo do Vale do Mucuri: conhecer para transformar”,<sup>4</sup> em desenvolvimento pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB/UFVJM) e coordenado por mim,<sup>5</sup> constatou-se que Imburama, pré-identificada pelo CEDEFES como uma comunidade, na realidade é um dos quatro (4) núcleos familiares que compõem a comunidade Córrego Novo;<sup>6</sup> e que Fazenda Pedra Azul não representa mais uma comunidade, mas sim um dos pequenos núcleos de povoamento, denominado Sítio Pedra Azul, pertencentes à comunidade Marques I,<sup>7</sup> localizada no município de Carlos Chagas e não de Teófilo Otoni.

Para efeitos deste trabalho, centraremos nossas atenções em três das comunidades pertencentes ao Vale do Mucuri, em particular as do município de Teófilo Otoni e que estão sendo investigadas no Projeto acima referido. São elas: São Julião, Cama Alta e Córrego Novo. O objetivo é compreender o processo de construção da identidade remanescente de quilombo nessas comunidades, tendo em vista que se trata de uma identidade política, através da qual o grupo pleiteia reconhecimento e direitos específicos, em especial a propriedade de suas terras.

<sup>4</sup> Este Projeto, financiado pela FAPEMIG, visa a caracterizar as comunidades remanescentes de quilombo da mesorregião do Vale do Mucuri/MG, através do levantamento de dados referentes à história, cultura, demografia, geografia, economia, saúde, segurança alimentar, infraestrutura e meio ambiente.

<sup>5</sup> Embora sob minha coordenação, este Projeto conta com uma Equipe Interdisciplinar constituída por pesquisadores das áreas de Sociologia, Antropologia, Filosofia, Educação, Economia, Nutrição, Agronomia, Zootecnia, pertencentes ao Campus de Teófilo Otoni e de Diamantina, bem como por graduandas do curso de Serviço Social, também integrantes do NEAB/UFVJM.

<sup>6</sup> Esta comunidade está situada no distrito de Topázio, pertencente ao município de Teófilo Otoni/MG.

<sup>7</sup> LIMA, Deborah. *Firmados na terra: a produção do significado de território em dois quilombos de Minas Gerais*. 32º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 2008.

## As comunidades do Vale do Mucuri: São Julião, Cama Alta e Córrego Novo

### *São Julião*



Foto: César Canato

São Julião, ou Lavra dos Pretos, está a 83 km de Teófilo Otoni, próxima ao distrito de Maravilha. Os primeiros moradores vieram de um lugarejo próximo à cidade de Jequitinhonha, devido à fuga das famílias e, em especial, dos jovens da Guerra do Paraguai, como interpreta “Mãe Augusta”, possivelmente durante o período em que durou essa guerra (1864-1870), e à busca por melhores condições de vida. Os descendentes dos fundadores, em particular “os Pereiras”, ocupam o território que teve origem há quase 150 anos.

Hoje, a comunidade de São Julião apresenta uma população de aproximadamente 397 habitantes, distribuídos em 104 famílias.

### *Córrego Novo*



Foto: César Canato

A comunidade de Córrego Novo está a aproximadamente 40 km de Teófilo Otoni, próxima ao distrito de Topázio. Sua estrutura social é composta por quatro grandes núcleos familiares: Barbosa Lima, Barbosa Pinto, Imburama e Trega. Formada por 45 famílias, possui o total de 178 habitantes.

Os Barbosa Lima são, hoje, quantitativamente, o núcleo familiar mais expressivo dessa comunidade. Segundo seu patriarca, a família chegou à região do Vale do Mucuri por volta de 1929 e já encontrou instalados “Manezinho da Cachoeira”, de quem comprou a terra, uma vez que este estava de partida, e os Imburamas, os quais “abriram posse” na Mata ainda pouco povoada.

### ***Cama Alta***



**Foto:** César Canato

Cama Alta fica a 45 km de Teófilo Otoni, no distrito de Brejão. Os primeiros moradores desta comunidade vieram da região de Salinas (norte de Minas Gerais), “fugidos da seca”, por volta dos anos 1915. Eram eles o senhor Manoel Pereira de Sá e seu filho Júlio Pereira de Sá, como relatou o senhor Horácio Pereira Barbosa, neto do primeiro e filho do segundo. Segundo ele, ao chegarem à região, Manoel e Júlio adentraram na mata e “abriram posse” e, assim como os demais, construíram suas casas em lugares altos, devido à presença de onças. Daí o nome da comunidade: Cama Alta.

Em suas particularidades, estas comunidades apresentam aspectos comuns. No caso de São Julião e Cama Alta, a apropriação inicial da terra se deu por posse, e no de Córrego Novo, pelo que tudo indica, por compra.<sup>8</sup> No entanto, nas três, as

<sup>8</sup> Como se trata de estudo preliminar, as informações até agora acumuladas ainda são pouco precisas.

apropriações posteriores, feitas pelos descendentes dos fundadores, deram-se por transmissão, via herança, assim como também constatou Lima em relação à comunidade Marques, de Carlos Chagas, e Mumbuca, de Jequitinhonha, respectivamente.<sup>9</sup>

Para essa autora, a transmissão das “terras de quilombos” entre sucessivas gerações ocorre pelo fato de pertencerem a um regime consuetudinário de propriedade da terra ou regime de terras tradicionalmente ocupadas.<sup>10</sup> Neste tipo de regime, há uma relação intrínseca entre terra e pessoas. É por meio da produção na terra que se dá a produção de pessoas. Com isso, a terra não é apenas terra, mas território, repleto de sentido e significado, responsável pela reprodução do grupo e representativo da coletividade.

A posse ou compra (poucas vezes envolvia dinheiro, mas trocas por mantimentos e bens diversos) de terras no Vale do Mucuri, imensa mata até então conhecida como “terra de febres e índios”, tem início no final do século XIX com o movimento migratório e povoador, que durou mais de um século, do alto Jequitinhonha (“acima da barra do rio Araçuaí”) e, posteriormente, do alto Norte (Espinosa, Taiobeiras, Salinas) para o baixo Jequitinhonha e Mucuri. Os principais motivos que levaram à migração podem ser associados ao esgotamento das lavras de ouro e diamante e das lavouras, bem como às duas grandes secas ocorridas nos anos 1890 e 1930. Em sua maioria, migravam “os jovens e os libertos do cativo procurando terras sem donos”, levando apenas machado, isqueiro, coragem e necessidade.<sup>11</sup>

As três comunidades analisadas (Cama Alta, São Julião e Corrêgo Novo) também têm em comum o fato de desviarem-se do modelo de quilombo formado por escravos fugitivos, mas de coletivos que se estabeleceram em terras ocupadas e nelas reproduzem seus modos de vida característicos, tomando como referência uma história comum, construída a partir de vivências e valores compartilhados.<sup>12</sup>

## A construção da identidade remanescente de quilombo

O processo de construção da identidade remanescente de quilombo nas comunidades de São Julião, Cama Alta e Córrego Novo ocorre num tempo e espaço próprios. No entanto, percebe-se que as experiências de uma se cruzam com as das outras, em especial as da São Julião e Cama Alta, próximas geograficamente e, ambas, referenciadas pelas experiências da comunidade Marques, localizada no município de Carlos Chagas/MG, atualmente com pleito de

---

<sup>9</sup> LIMA, 2008.

<sup>10</sup> LIMA, 2008.

<sup>11</sup> RIBEIRO, Eduardo M. *Histórias do Jequitinhonha e do Mucuri*. Belo Horizonte: CEDEFES, [s.d.].

<sup>12</sup> ARRUTI, José Maurício A. O quilombo conceitual: para uma sociologia do Artigo 68 do ADCT. In: *Texto para discussão: Projeto Egbé-Territórios negros (KOINONIA)*, 2003.

titulação de suas terras em trâmite, requerido após se ver ameaçada pela construção da hidrelétrica PCH-Mucuri.

Cabe destacar que apenas uma pequena parcela dessa comunidade, diretamente ameaçada de deslocamento pela PCH, encaminhou o requerimento. Isso ocorreu devido à apropriação diferenciada do território pelos descendentes de dois dos filhos (Augusta e José Marco) de seu fundador (Marcos de Souza Franco), o que gerou a configuração de dois grupos – um que lidera o movimento pela titulação da terra e reconhecimento como remanescente de quilombo, e faz uso coletivo dela; e o outro opositor, a maioria, que, ao partilhar formalmente suas terras de herança, perdeu sua autossuficiência e hoje depende do trabalho contratado por fazendeiros vizinhos, aos quais se aliou.<sup>13</sup>

O contato com a possibilidade de Marques perder seu território para a hidrelétrica, seja pelo deslocamento forçado de famílias, seja pelo deslocamento negociado e indenizado, bem como com o processo de reconhecimento e autorreconhecimento como remanescente de quilombo, acionado pela mobilização de elementos de identidade que remetem às questões de cultura e origem comum, fez com que alguns membros da comunidade São Julião, em particular os sujeitos que atuam como liderança, como é o caso de “Zorra”, questionassem-se sobre o também ser “quilombola”.

Segundo “Zorra”, e seu irmão “Rangelito”, as histórias contadas pela “Mãe Augusta” acerca da situação de discriminação a qual foram submetidos seus bisavós e avós ganham significado, embora apenas entre alguns membros da São Julião, ao indicar serem eles “descendentes de negros” ou de “ex-escravos”. Rememorar essas histórias, neste contexto, parece significar para estes sujeitos a busca por elementos de identidade que permitam acionar a construção como remanescente de quilombo.

A liderança da comunidade Cama Alta, embora também conhecedora do “caso Marques”, ainda que à distância, tem em São Julião sua referência imediata, uma vez que a predisposição de se reconhecer remanescente de quilombo é estimulada pela tentativa de conscientização que vem de São Julião, ou melhor, de sua principal liderança – “Zorra”. Por sua vez, a Córrego Novo ainda dá os seus primeiros passos ao encontro deste debate, mas já se preocupa com a situação de não titulação de suas terras e da ameaça que isso representa. No entanto, ainda articula timidamente a terra e o território a uma “identidade quilombola”, de modo a mobilizar elementos que remetam a uma cultura e história específicas, compartilhadas pelo grupo, ao contrário do que já acontece em São Julião e Cama Alta, não enquanto consenso, mas de forma mais incisiva.

---

<sup>13</sup> LIMA, 2008.

É recente a informação de que a comunidade São Julião também se vê ameaçada pela construção de uma hidrelétrica que recortará seu território. Diante desse fato, a comunidade, até então resistente em pleitear o reconhecimento como remanescente de quilombo e a titulação de suas terras, hoje fragmentada por núcleos familiares com interesses diferentes, visualiza, através de “Zorra”, a necessidade de tal reconhecimento. E o que não parecia ser um consenso está a caminho de sê-lo.

### **Considerações Finais**

A partir de uma análise ainda preliminar acerca do significado atribuído pelas lideranças das três comunidades do Vale do Mucuri (São Julião, Cama Alta e Córrego Novo) sobre o ser remanescente de quilombo, percebe-se que o processo de assunção da identidade remanescente passa a ter sentido com a disputa por recursos, especialmente territoriais, e, concomitantemente, à medida que o instrumento de luta é o Artigo 68 (Ato das Disposições Transitórias da Constituição Federal de 1988), as questões de cultura e origem comum,<sup>14</sup> assim como a ideia de território,<sup>15</sup> no qual as expressões identitárias do grupo, elaboradas no presente via retorno ao passado, estão inscritas, passam a ser tematizadas e refletidas pelas comunidades.

---

<sup>14</sup> ARRUTI, José Maurício A. A emergência dos “remanescentes”: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. *Mana*, v. 3, n. 2, p. 7-38, 1997.

<sup>15</sup> LIMA, 2008.



## **Ser remanescente de quilombo em comunidades do Vale do Mucuri: reflexões preliminares de pesquisa**

### **Resumo**

Este artigo apresenta três comunidades pré-identificadas como remanescentes de quilombo, pertencentes ao município de Teófilo Otoni, mesorregião do Vale do Mucuri/MG, e retrata, por meio dos relatos orais de algumas de suas lideranças, as representações sociais desses sujeitos acerca do ser remanescente de quilombo. Tomando como referência que remanescente de quilombo é toda comunidade negra rural com “história própria, dotada de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” (Instrução Normativa 49 do INCRA) e que frente à possibilidade de acesso às políticas públicas específicas e de titulação das terras ocupadas, muitas delas se deparam com o dilema de se reconhecerem ou não remanescentes. Questionou-se sobre o significado, para o grupo, de se reconhecer remanescente de quilombo, já que esta definição vem de fora para dentro do grupo; como se dá o processo de construção da identidade quilombola nas comunidades do Vale do Mucuri.

### **Palavras-chave:**

Remanescentes de quilombo. Comunidades negras rurais. Identidade. Território.

## Being a quilombo remainder in communities of the Mucuri Valley: preliminary research reflections

### Abstract

This article introduces three pre-identified communities as quilombo remainders from the municipal district of Teófilo Otoni, middle area of the Mucuri Valley, State of Minas Gerais. It portrays through oral reports of some of their leaderships the social representations of those subjects concerning being a quilombo remainder. Taking as reference that a quilombo remainder means every rural black community with “own history, endowed with specific territorial relationships, with presumption of black ancestry related to the resistance to the suffered historical oppression” (Normative Instruction 49 of INCRA) and that in front of the access possibility to the specific public politics and to the title of the occupied lands, many of them face the dilemma of recognizing themselves as a quilombo remainder or not. The group was questioned about the understanding of recognizing him or herself as a quilombo remainder, since this definition comes from outside to inside of the group; how the quilombola identity construction process occurs in the communities of the Mucuri Valley.

### Keywords:

Quilombo remainders. Rural black communities. Identity. Territory.

[Recebido em: setembro 2009 e  
aceito em: maio 2010]